

## A Carta de Bielínski a Gógol

Mestranda Renata Esteves (FFLCH - USP)<sup>1</sup>

### Resumo:

*A tradução da carta de Bielínski a Gógol, escrita em 1847, apresenta ao público brasileiro o que é considerado um documento literário na história da literatura russa. Uma breve introdução contextualiza a missiva dentro da perspectiva das reflexões sobre a literatura nacional russa, que o crítico consolidara na resenha anual de 1846.*

**Palavras-chave:** Bielínski; Gógol; crítica; literatura russa; literatura nacional.

### Introdução

A carta que Bielínski escreve a Gógol, em 15 de julho de 1847, por ocasião da publicação do livro do escritor, *Trechos selecionados da correspondência com os amigos*, ganhou valor documental na história da literatura russa. Sua repercussão foi instantânea e perdurou, atingindo círculos cada vez mais amplos na sociedade. A citação indireta do trecho famoso de uma carta do eslavófilo, Ivan Sierguiéevitch Aksákov, de 1856, demonstra seu alcance:

“Muito viajei pela Rússia; o nome de Bielínski é conhecido por qualquer jovem um pouco atinado, por qualquer um ávido por ar fresco no meio do pântano mefítico da vida provinciana. Não há um único professor de ginásio dos centros provinciais que não saiba de cor a carta de Bielínski a Gógol [...]”. “Nós devemos a Bielínski a nossa salvação – me dizem, por toda parte, os jovens honrados nas províncias”. (AKSÁKOV apud BIELÍNSKI 1982, t.08, p. 695.)<sup>2</sup>

A carta de Bielínski, cuja trajetória clandestina garantiu o cumprimento de sua função, só pôde ser tão direta porque o crítico estava fora da Rússia tratando-se da tuberculose; o próprio autor menciona a impossibilidade de escrevê-la se estivesse em território russo, dada a vigilância da censura do governo de Nicolau I. Herzen, que acompanhava Bielínski em sua vigem, ouviu do próprio crítico a leitura da carta e considerou-a como o testamento dele. Seu conteúdo não era novidade, mas, sim, sua expressão aberta, já que Bielínski, como outros contemporâneos seus, escrevia os textos na chamada **linguagem esópica**, o estilo camuflado adotado pelos autores nas publicações que tentavam driblar a censura. Nesse sentido, ela nos interessa como uma síntese explícita que ilumina as entrelinhas do que Bielínski maturara ao longo de sua trajetória, mas que jamais pudera ser declarado como o foi nela; mesmo sua ida para a revista *Sovremiennik*<sup>3</sup>, em 1846, que conferia maior espaço para suas idéias, já que a publicação passara para as mãos dos ocidentalistas, não suprimia o fato de haver uma censura oficial.

A carta de Bielínski é uma resposta à carta que Gógol envia-lhe a Salzburg, pelo amigo Nicolái Iákovlevitch Prokopóvitch, por ocasião do artigo publicado pelo crítico em 07 de fevereiro de 1847, no número 02 da revista *Sovremiennik*, sobre o livro do escritor. Embora o artigo de

<sup>1</sup> Renata Esteves, mestranda (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada - TLLC)  
E-mail: renatesp@usp.br

<sup>2</sup> Tradução da autora.

<sup>3</sup> **O Contemporâneo**, revista literária, fundada por Púchkin em 1836.

Bielínski tenha sido bastante alterado pela censura, surte efeito sobre Gógol, que empresta um viés pessoal a sua leitura - perspectiva rebatida por Bielínski em sua carta.

Os laços entre Bielínski e Gógol foram determinados pelo próprio contexto literário da época, ligando intimamente seus nomes na cultura russa. Bielínski escreveu diversos artigos sobre a obra de Gógol, e suas formulações sobre a literatura nacional russa encontram no escritor o exemplo maior, daí considerá-lo o representante da **escola natural**. Mesmo com os embates entre os grupos intelectuais antagonistas da época, destacando-se os ocidentalistas e eslavófilos, as relações entre Bielínski e Gógol não foram interrompidas. É para o crítico, em São Petersburgo, que Gógol manda o manuscrito de *Almas mortas*, censurado em Moscou; Bielínski também participa da leitura das provas da republicação das obras do escritor, em 1843.

A ida de Bielínski para a *Sovremiennik*, em 1846, é um momento determinante em sua trajetória por vários motivos: passa a ganhar mais; dedica-se exclusivamente às obras literárias; ganha autonomia dentro da revista, sem sofrer restrições dos editores, ainda que não escape da perene censura oficial; apresenta uma concepção amadurecida sobre a literatura nacional russa contemporânea; e adota uma defesa programática da **escola natural**. A revista virá vocalizar as idéias ocidentalistas, e, dentro desse escopo, Bielínski estréia com a resenha **Revisão da literatura russa do ano 1846**, na edição de número 01, que sai em 1º de janeiro de 1847. Nela vamos encontrar o que o próprio crítico declara ser o **programa interno** da revista, já que apresenta uma abordagem da história literária russa conforme a visão ocidentalista e dispõe sobre as condições, o espírito e a orientação da literatura russa contemporânea.

Nessa resenha, Bielínski vincula a literatura russa ao processo histórico desencadeado pelas reformas petrinhas, que instalaram o princípio europeu na cultura russa. A literatura russa tem seu nascedouro aí, quando a preocupação fundamental com o conhecimento ganha impulso e avança com políticas futuras alimentadas pela influência do Iluminismo francês, que chega à Rússia. A história literária russa tem seu marco inicial em Lomonóssov, com sua literatura retórica, enquanto os escritores russos do século XVII de tradição satírica constituirão a outra vertente, que correrá paralela à vertente retórica. É a confluência delas que promoverá tanto a originalidade da literatura russa como a manifestação de sua nacionalidade, refletindo a instalação da autoconsciência na sociedade russa. Esse percurso literário, traçado por Bielínski, demonstra o desenvolvimento orgânico de uma literatura formada no bojo do processo histórico e rebate a visão eslavófila, de cunho místico, que acreditava na destruição do princípio nacional pelas reformas petrinhas. Soma-se a isso o enfrentamento do crítico com a concepção cosmopolita, que também intervinha no debate literário da época e defendia a possibilidade do desenvolvimento da poesia autêntica apenas no campo dos interesses humanos universais. Bielínski entende que o conteúdo nacional é o que possibilita a identificação entre o público e a literatura, manifestando a conquista da autoconsciência numa sociedade. A defesa da **escola natural** se apóia nessa elaboração, já que sua representação literária visa à aproximação da realidade e da vida. Veja-se a passagem abaixo:

Sem as novelas russas nenhuma revista pode ter sucesso hoje. E isso não é capricho, não é moda, mas uma exigência racional, que tem um sentido profundo, um fundamento profundo: nela se expressa a aspiração da sociedade russa pela autoconsciência, conseqüentemente, o despertar nela dos interesses morais, da vida intelectual. Já se foi, sem volta, aquele tempo em que até uma mediocridade estrangeira parecia estar acima de qualquer talento russo. Sabendo fazer justiça ao alheio, a sociedade russa já sabe avaliar também o que é seu e evita tanto arrogância como depreciação. Mas se ela se interessa mais por uma **boa** novela russa do que por um romance estrangeiro **excelente**<sup>4</sup>, nisso se vê um enorme passo adiante de sua parte. Saber ver, ao mesmo tempo, a excelência do alheio sobre o próprio e, mesmo assim, deixar mais perto do coração o que é seu, aqui não há

---

<sup>4</sup> Grifos do original. [N. T.]

patriotismo falacioso, não há uma inclinação limitada: há aqui apenas uma aspiração nobre e legítima de tomar consciência de si...

Acusam a escola natural de tendência a representar tudo pelo lado ruim. Como de praxe, essa acusação é feita, por alguns, como uma calúnia premeditada; por outros, como uma queixa franca. Em qualquer caso, a possibilidade de semelhante acusação mostra apenas que a escola natural, apesar de seus sucessos imensos, existe ainda há pouco tempo; mostra que ainda não tiveram tempo de se acostumar com ela e que, entre nós, ainda há muita gente com formação em Karamzin, para os quais a retórica tem a propriedade de consolar e a verdade, de amargar. Sem dúvida, é impossível toda a acusação à escola natural ser uma mentira cabal, bem como isto ser uma verdade total impecável. Mas se a sua orientação negativa predominante for um extremismo unilateral, nisto está a sua utilidade, o seu bem: o costume de representar fielmente os fenômenos negativos da vida dará possibilidade, àquelas mesmas pessoas ou aos seus seguidores, quando chegar o tempo, de representar fielmente também os fenômenos positivos da vida, sem deixá-los claudicar nem exagerar, em suma, sem idealizá-los retoricamente. (BIELÍNSKI, 1956, t.10, pgs.16-17.)<sup>5</sup>

Gógol, como o maior representante da **escola natural** na visão de Bielínski, encima as noções implicadas na concepção de literatura nacional do crítico, remetendo-nos à tradição literária satírica e, portanto, de raízes populares; à conquista de uma literatura original, livre da retórica, e seu desenvolvimento orgânico no processo histórico; à manifestação da nacionalidade russa pela representação da realidade das camadas sociais baixas; e ao palpitar da consciência nacional, que indica o impasse estrutural da sociedade russa. O nome de Gógol torna-se emblemático da proposta defendida por Bielínski para a literatura russa contemporânea, até o tom do trecho citado acima sugere a dimensão programática que o crítico conferia à discussão literária numa sociedade em que a literatura era o espaço público possível de discussão das questões nacionais de um império autocrático, assentado na servidão e abençoado pela Ortodoxia. Meses após a resenha de 1846, Bielínski escreve sua carta para Gógol, que traduzimos integralmente abaixo, conforme o texto estabelecido nas obras completas do crítico. A leitura especular desses dois textos escritos pelo crítico, com uma diferença de quase seis meses, problematiza a compreensão recorrente sobre a abordagem funcional que o crítico imprimiu à literatura se sopesarmos essa funcionalidade e o alcance de uma reflexão libertária, que tinham um inimigo onipresente e invisível, e considerarmos a dinamização que os debates literários, muitos dos quais encabeçados por Bielínski, insuflaram no sistema literário russo na época.

### Carta a Nicolái Vassílievitch Gógol<sup>6 7 8</sup>

Você está certo apenas em parte ao ver em meu artigo uma pessoa **zangada**<sup>9</sup>: este epíteto é demasiado fraco e delicado para expressar o estado em que fiquei ao ler seu livro. Mas você não está nada certo ao atribuir isso a seu parecer, realmente em nada lisonjeiro, sobre os admiradores de seu talento. Não, havia um motivo mais importante para isso. Pode-se suportar uma ofensa ao amor-próprio, e eu teria

<sup>5</sup> Tradução da autora.

<sup>6</sup> BIELÍNSKI, V. G. *Pólnoie sobránie sotchniénii* [Obras completas] Academia de Ciências da URSS, Moscou, 1956, T. 10, pgs. 212-220.

<sup>7</sup> As notas da tradução da carta foram tiradas da edição das obras completas de Bielínski e adaptadas pela autora para a presente publicação, salvo indicação contrária.

<sup>8</sup> Agradeço a Klara Gouriánova, professora de russo e tradutora juramentada, pelo esclarecimento de certas passagens do texto original e pela verificação da pronúncia correta de nomes próprios que figuram no texto. Eventuais erros que persistam são de minha responsabilidade. [N.A.]

<sup>9</sup> Grifo do original. Referência à palavra usada por Gógol na carta que escreve a Bielínski em razão do artigo do crítico.

inteligência suficiente para calar sobre esse assunto se a questão toda se encerrasse nisso; mas não se pode suportar uma ofensa à verdade, à dignidade humana; não se pode ficar calado quando, sob o manto da religião e a defesa do cnute, pregam a mentira e a imoralidade como verdade e virtude.

Sim, eu o amava com toda a paixão com que uma pessoa, intimamente vinculada a seu país, pode amar a esperança, a honra, a glória dele; pode amar um de seus grandes guias no caminho da consciência, do desenvolvimento e do progresso. E você teve motivo fundamentado, ainda que por um minuto, para perder a paz de espírito, que se foi com o direito a esse amor. Digo isso não porque eu considere o amor como recompensa minha a um grande talento, mas porque, nessa atitude, represento não uma, mas muitas pessoas, das quais nem você, nem eu nunca vimos a maior parte e que, por sua vez, nunca o viram. Eu não estou em condições de dar a você nem a mínima idéia da indignação que seu livro provocou em todos os corações nobres, nem sobre o grito de alegria selvagem que deram, com o surgimento dele, todos os seus inimigos, os não-literários (Tchitchikovs, Nozdrióvs, Gorodnítchs, entre outros) e os literários, cujos nomes são sabidos por você. Você mesmo bem vê que renegam seu livro até as pessoas que parecem compartilhar do espírito dele<sup>10</sup>. Tivesse sido escrito em decorrência de uma profunda convicção sincera, ainda assim ele deveria produzir no público a mesma impressão. E se todos o tomaram por uma artimanha astuta (com exceção de algumas pessoas, que é preciso ver e conhecer, para não se alegrar com a aprovação delas), mas por demais intrincada, para alcançar objetivos puramente terrenos pelo caminho celestial, o culpado é apenas você. E isso não é surpreendente; surpreendente é você achar isso surpreendente. Eu acho que isso se dá por você conhecer profundamente a Rússia apenas como artista, e não como uma pessoa ponderada, cujo papel você tomou para si de forma tão infeliz em seu livro fantástico. E isso não porque você não seja uma pessoa ponderada, mas porque, já há tantos anos, você se acostumou a olhar para a Rússia de seu *belo retiro*<sup>11</sup>, pois é sabido que nada mais fácil do que ver, de longe, as coisas tal como nos agrada vê-las; porque você, nesse *belo retiro*, vive perfeitamente alheio a ele, ensimesmado, dentro de você, ou na mesmice de um círculo de pendor igual ao seu e incapaz de opor-se a sua influência sobre ele. Por isso você não percebeu que a Rússia vê sua salvação não no misticismo, não no ascetismo, não no pietismo, mas nos êxitos da civilização, da instrução, do humanitarismo. Ela não precisa de sermões (escutou-os o suficiente!) nem de orações (repetiu-as o suficiente!), e, sim, do despertar do sentimento de dignidade humana no povo, há tanto tempo perdido na lama e no estrume; dos direitos e das leis, conformes não à doutrina da igreja, mas ao bom senso e à justiça, e sua execução rigorosa tanto quanto possível. E no lugar disso ela se constitui num espetáculo terrível de um país onde gente vende gente, sem ter nisso a justificativa ardilosamente utilizada pelos plantadores americanos, afirmando que o negro não é ser humano; de um país onde as próprias pessoas se chamam não pelo nome, mas por apelidos: Vánka, Stióchka, Váska, Paláchka; por fim, de um país onde não só não há garantias para o indivíduo, a honra e a propriedade como não há nem uma ordem policial, mas apenas imensas corporações de ladrões diversos e salteadores em exercício. As questões nacionais contemporâneas mais vivas na Rússia agora são: aniquilar a servidão; abolir o castigo físico; introduzir, dentro do possível, a execução rigorosa, que seja, das leis existentes. Isso sente mesmo o próprio governo (que bem sabe o que fazem os senhores de terra com seus camponeses e quanto estes matam os primeiros a cada ano), que se justifica com suas meias-medidas acanhadas e infrutíferas a favor dos negros brancos e com a substituição cômica do cnute de uma ponta pelo açoitado de

<sup>10</sup> Referência à repercussão do livro de Gógol entre os eslavófilos, destacando-se a discordância com ele da família Aksákov, grande representante dessa linha de pensamento.

<sup>11</sup> Referência à expressão usada por Gógol em seu romance *Almas mortas*.

três<sup>12</sup>. Eis as questões com que a Rússia está inquietantemente ocupada em sua sonolência apática! E nesse mesmo momento, o grande escritor, que tão poderosamente contribuía para a autoconsciência da Rússia com sua obra admiravelmente artística e profundamente verdadeira, que lhe deu a possibilidade de olhar para si mesma como num espelho, aparece com um livro, em que, em nome de Cristo e da igreja, ensina ao bárbaro senhor de terra ganhar de seus camponeses mais dinheiro, xingando-os de *focinhos sujos*!... E isso não deveria deixar-me indignado?... Ainda que você atentasse contra a minha vida, eu não ficaria mais tomado de ódio por você do que por essas linhas vergonhosas... E depois disso você quer que acreditem na sinceridade do sentido de seu livro? Não, estivesse você realmente pejado da verdade de Cristo, e não do ensinamento do Diabo, jamais escreveria aquilo para um de seus adeptos dos senhores de terra. Para isso escrevesse você que, sendo seu camponês seu irmão em Cristo, e como um irmão não pode ser escravo do próprio irmão, o senhor de terra deve então ou dar-lhe a liberdade, ou, que seja, pelo menos, utilizar-se de seus serviços da forma mais benéfica a eles, reconhecendo, do fundo de sua consciência, sua condição ludibriosa sobre eles. E a expressão: *ah, seu focinho sujo!*, que você ouviu de um Nozdriov, de um Sobakiévitch, para transmitir ao mundo como uma grande descoberta para a edificação e o bem dos mujiques, que, sem isso, não se asseiam, porque, fiando-se em seus senhores, eles próprios não se consideram gente? E sua idéia sobre o tribunal popular e a justiça sumária, cujo ideal você encontrou nas palavras da velha estúpida da novela<sup>13</sup> de Púchkin, por cujo juízo se deve açoitá-lo tanto o justo como o culpado? Sim, isso já é feito aqui com freqüência, ainda que se castigue, com mais freqüência, apenas o justo – se não tiver como provar sua inocência, que pague pelo culpado! E se um livro desse podia ser o resultado de um difícil processo interno, de uma elevada lucidez de espírito! De jeito nenhum! Ou você está doente e precisa tratar-se urgentemente, ou... Não ousou completar meu raciocínio.

Pregador do cnute, apóstolo da ignorância, defensor do obscurantismo, panegirista dos costumes tártaros, o que você está fazendo? Dê uma olhada sob seus pés: você está sobre um abismo... Que você baseie semelhante ensinamento na igreja ortodoxa, isso eu ainda entendo: ela sempre foi esteio do cnute e bajuladora do despotismo; mas justo Cristo, para que você foi enfiá-lo nisso? O que você achou em comum entre ele e qualquer igreja, ainda mais a ortodoxa? Ele foi o primeiro a anunciar às pessoas o ensinamento da liberdade, da igualdade e da fraternidade e encarnou-o no martírio, confirmando a verdade de seu ensinamento. E este foi a salvação das pessoas somente até o momento enquanto não se organizava em igreja nem era considerado como base do princípio da ortodoxia. A Igreja surge como hierarquia, portanto, defensora da desigualdade, adulatora do poder, inimiga e perseguidora da fraternidade entre as pessoas – e continua sendo isso até hoje. Mas o sentido do ensinamento de Cristo foi revelado pelo movimento filosófico do século passado. E eis o porquê de um Voltaire, que foi assado na fogueira do fanatismo e da ignorância como instrumento de mofa na Europa, certamente ser mais filho de Cristo, sangue de seu sangue, carne de sua carne do que todos os seus popes, prelados, metropolitas

e patriarcas, orientais e ocidentais. Será que você não sabia disso? Pois tudo isso hoje não é novidade alguma para qualquer escolar...

E por isso, você, autor de *O inspetor geral* e de *Almas mortas*, será que cantou francamente, de coração, o hino ao clero russo ignóbil, colocando-o acima do clero católico? Admitamos que você não saiba que o segundo foi alguma coisa num certo momento, enquanto que o primeiro nunca foi nada além de criado e

<sup>12</sup> Referência ao **Código de castigos penais e correcionais**, de 1845, em que o castigo do cnute, chicote de uma ponta, é substituído pelo de três pontas.

<sup>13</sup> Referência a uma personagem da novela de Púchkin, **A filha do capitão**.

escravo do poder secular; mas será que de fato você não sabe que o nosso clero se acha no desprezo geral da sociedade russa e do povo russo? Sobre quem o povo russo conta historinhas obscenas? Sobre o pope, sua esposa, sua filha e seu empregado. Quem o povo russo chama de *raça estúpida, trânsfugas, garanhões?* Os popes. Há um pope na Rússia que não seja, para os russos, representante da glotonaria, da avareza, do servilismo, da indecência? Será que você não sabe disso tudo? Que estranho! Por você, o povo russo é o mais religioso do mundo; mentira! A base da religiosidade é o pietismo, a devoção, o temor a Deus. O russo pronuncia o nome de Deus coçando o traseiro. Ele fala sobre a imagem: **e presta para rezar, e, para os potes<sup>14</sup> tapar.** Observe com cuidado, e você verá que se trata de um povo profundamente ateu pela sua própria natureza. Há nele ainda muita credice, mas não há vestígio de religiosidade. Os sucessos da civilização acabam com a credice, enquanto a religiosidade convive com eles com frequência: exemplo vivo é a França, onde hoje há muitos católicos fanáticos e sinceros entre pessoas ilustradas e estudadas como há muitos que, depois de se afastar do cristianismo, continuaram defendendo algum deus tenazmente. O povo russo não é assim: a exaltação mística não está de modo algum em sua natureza; há nele, para isso, muito bom senso, lucidez e mente positiva, e talvez nisso se encerre a grandeza de seu destino histórico no futuro. A religiosidade não vingou nem mesmo em seu clero, pois algumas figuras à parte, isoladas, que se distinguiram pela contemplação ascética, silenciosa e fria, nada comprovam. A maioria do nosso clero sempre se distinguiu apenas pelas panças gordas, pelo pedantismo teológico e mais a ignorância bárbara. Não se poderia imputar-lhe o pecado da intolerância religiosa e do fanatismo; cabe mais elogiá-lo pela indiferença exemplar a respeito da fé. A religiosidade se manifestou entre nós apenas nas seitas cismáticas, tão contrárias, por seu espírito, à massa do povo e muito inferiores numericamente a esta.

Não irei me estender sobre o seu louvor à ligação amorosa do povo russo com seus soberanos. Direi diretamente: esse louvor não teve a simpatia de ninguém e comprometeu-lhe aos olhos mesmo daqueles que, em outros aspectos, são muito próximos a você pela orientação que têm. No que se refere a mim pessoalmente, deixo sua consciência inebriar-se com a contemplação da beleza divina da autocracia (ela é um sossego e, dizem, também vantajosa para você): apenas continue a contemplá-la de forma prudente, a partir de seu *belo retiro*: é de perto que ela não é tão bela nem tão inofensiva... Faço apenas uma observação: quando o espírito religioso se apodera de um europeu, especialmente de um católico, ele se torna um denunciante do poder errôneo, semelhante aos profetas hebreus, que acusavam os fortes da terra de ilegalidade. Entre nós é ao contrário: atinja uma pessoa (mesmo uma correta) a doença conhecida dos médicos psiquiatras pelo nome de *religiosa mania*<sup>15</sup>, e ela, na hora, começará a incensar mais o deus terreno que o celestial, passando das medidas a ponto daquele querer recompensá-la pelo afinco servil; mas, vendo que isso iria comprometê-la aos olhos da sociedade... Nosso irmão, o russo, é um finório!

Lembro-me ainda que, em seu livro, você afirma, como uma grande verdade incontestável, que a alfabetização do povo simples não só seria inútil como terminantemente nociva. O que lhe dizer quanto a isso? Que seu deus bizantino perdoe-lhe por essa idéia bizantina, a menos que, ao colocá-la no papel, você não soubesse o que estava fazendo...

“Mas, talvez – dirá você a mim – consideremos que eu tenha me equivocado, e as minhas opiniões sejam um engano; mas por que tiram de mim o direito de equivocar-me e não querem acreditar na franqueza de meus equívocos?” E eu lhe

<sup>14</sup> A palavra *gorchók*, que está no plural *gorchkú*, também designa penico quando acompanhada do adjetivo *notchnói* [noturno]. [N.T.]

<sup>15</sup> Em latim, no original. [N.T.]

respondo: porque semelhante orientação na Rússia já faz tempo que não é novidade. E nem faz tanto tempo que ela foi esgotada por Burátchk e

seus parceiros. É claro que em seu livro há mais inteligência e mesmo talento (embora sem fartura de ambos) do que nos trabalhos deles; em compensação, eles desenvolveram a doutrina comum a vocês com grande energia e coerência e, valentemente, foram até os últimos resultados, entregaram tudo ao deus bizantino e não deixaram nada para o satanás; enquanto você, desejando acender uma vela para cada um, caiu em contradição ao defender Púchkin, a literatura e o teatro, por exemplo, já que, do seu ponto de vista, caso você tivesse a preocupação de ser coerente, de modo algum poderiam servir para salvação da alma, mas podem servir, em muito, para a perdição dela<sup>16</sup>. Quem poderia engolir a idéia de uma identidade entre você e Burátchk? Você se considerou demasiado alto na opinião do público, para que ele pudesse acreditar na sinceridade de semelhantes convicções. O que soa natural nos estúpidos não soa assim num homem genial. Alguns quase se resolveram pela idéia de que seu livro é fruto de uma desordem mental, próxima de uma demência definitiva. Mas eles abandonaram essa conclusão: é evidente que o livro não foi escrito num dia ou numa semana, ou num mês, mas algo como talvez dois ou três anos; há amarra nele, por entre a exposição negligente aparece a ponderação, e os hinos às autoridades supremas bem convêm à situação terrena do autor devoto. Eis porque se espalhou em Petersburgo o rumor de que você escreveu esse livro com o objetivo de tornar-se o preceptor do filho do príncipe-herdeiro. Ainda antes disso ficou famosa em Petersburgo sua carta a Uvárov<sup>17</sup>, em que você fala com mágoa que suas obras foram deturpadas na Rússia, depois você manifesta insatisfação com seus livros anteriores e declara que somente ficará satisfeito com elas quando aquele que etc<sup>18</sup>. Agora julgue você mesmo: é de se ficar admirado com seu livro que lhe comprometeu aos olhos do público como escritor e, sobretudo, como pessoa?

Pelo que vejo, você não entende muito bem o público russo. Seu caráter define-se pela situação da sociedade russa, em que forças recentes estão ebulindo e ressurtindo, mas, abafadas pelo jugo pesado, sem encontrar vazão, provocam apenas abatimento, tédio e apatia. Apenas na literatura, apesar da censura tártara, há ainda vida e avanço. Eis o porquê do título de escritor entre nós ser tão respeitável; a conquista literária, tão fácil, mesmo para um pequeno talento. A rubrica de poeta, o título de literato há tempos entre nós ofuscou o brilho das dragonas e das fardas coloridas. E eis o porquê de premiarmos, com a atenção geral, especialmente toda orientação, assim denominada, liberal, mesmo diante de uma carência de talento; e o porquê de cair, tão rapidamente, a popularidade dos grandes poetas que, sinceramente ou não, se põem a serviço da ortodoxia, autocracia e nacionalidade<sup>19</sup>. Um exemplo espantoso é Púchkin, a quem bastou escrever apenas uns dois ou três poemas de súdito fiel e vestir um uniforme de oficial da corte, para perder o amor do povo de repente. E você está tremendamente enganado, se não for troça, em achar que seu livro fracassou não por causa da má orientação dele, e, sim, pela dureza das verdades, que teriam sido declaradas por você a todos, a cada um. Convenhamos, que você pensasse isso sobre os homens da pena; mas como o público poderia cair nessa categoria? Será que, de forma menos dura, em **O inspetor geral e Almas mortas**, você lhe revelou, com menos verdade e talento, realidades menos amargas? E ele, de fato, zangou-se com você,

<sup>16</sup> A contradição refere-se à defesa, feita por Gógol, da obra de Púchkin e da arte teatral como manifestações de moral elevada contra as acusações de imoralidade, lançadas por S. A. Burátchk, editor da revista **Maiák** [O Farol], e A. M. Martýnov, colaborador dessa mesma revista, em 1843, na série de artigos sobre Púchkin que publicaram nela.

<sup>17</sup> S.S. Uvárov, ministro da Educação de 1833 a 1849. [N.T.]

<sup>18</sup> Citação imprecisa de um trecho do projeto da carta oficial de Gógol para o tzar Nicolau I, que o escritor envia a P. A. Pletnióv, em São Petersburgo, em janeiro de 1847.

<sup>19</sup> Divisa oficial do império de Nicolau I (1825 – 1855) [N.T.]

até se enfureceu, mas isso não foi motivo para **O inspetor geral e Almas mortas** fracassarem, enquanto que seu último livro desapareceu vergonhosamente, como por encanto. E o público está certo: ele vê nos escritores russos seus únicos condutores, defensores e salvadores das trevas da autocracia, ortodoxia e nacionalidade, por isso está sempre pronto a perdoar ao escritor um livro ruim, mas jamais lhe perdoa um livro pernicioso. Isso mostra o quanto um senso salutar e recente se assenta em nossa sociedade, ainda que em estado embrionário; e isso mostra que nela há um porvir. Se você ama a Rússia, alegre-se com meu ataque a seu livro!

Não sem algum sentimento de auto-satisfação, direi a você que eu acho que conheço um pouco o público russo. Seu livro me assustou com a possibilidade de uma influência ruim sobre o governo, sobre a censura, mas não sobre o público. Enquanto se espalhavam os rumores em Petersburgo de que o governo queria imprimir muitos milhares de exemplares de seu livro e vendê-lo pelo menor preço, meus amigos desanimaram; mas eu lhes disse que, apesar de tudo, o livro não teria sucesso e logo iriam esquecê-lo. E de fato, ele é mais lembrado pelos artigos referentes do que por ele mesmo. Sim, o homem russo é profundo, embora ainda não tenha desenvolvido o instinto para a verdade!

Convenhamos, suas declarações até podiam ser sinceras; mas a idéia de levar isso ao conhecimento do público foi muito infeliz. Os tempos da ingênua devoção já eram, há muito, em nossa sociedade. Ela já compreende que rezar em qualquer lugar dá no mesmo e que vão a Jerusalém em busca de Cristo apenas aqueles ou que nunca o tiveram em seu coração, ou que o perderam<sup>20</sup>. Quem é capaz de sofrer perante o sofrimento alheio, para quem é árduo o espetáculo da opressão da gente desconhecida, este tem Cristo no coração e não precisa peregrinar até Jerusalém. A humildade, pregada por você, em primeiro lugar, não é nova; e, em segundo, corresponde, de um lado, a um orgulho terrível; de outro, à humilhação mais vergonhosa de sua dignidade humana. A idéia de se tornar uma perfeição abstrata, de estar acima de todos pela humildade pode ser fruto apenas do orgulho ou da debilidade mental e, nos dois casos, conduz inevitavelmente à hipocrisia, à carolice, ao fanatismo. E nisso você se permitiu expressar-se de forma cínica e ordinária não apenas sobre os outros (isto seria apenas descortês), mas também sobre você mesmo, e isto é sórdido, porque se uma pessoa que bate no rosto do próximo causa indignação, ela causa desprezo ao bater no próprio. Não! Você é sombrio, e não lúcido; você não entende nem o espírito, nem a forma do cristianismo de nosso tempo. Não é a verdade do ensinamento cristão, mas o temor doentio da morte, do diabo e do inferno que sopra de seu livro. E quanto à língua, às frases! *Drian i triápka stal tepiér vsiák tcheloviék*.<sup>21</sup> Por um acaso você acha que dizer *vsíák* ao invés de *vsíákii* significa expressar-se de forma bíblica?<sup>22</sup> É uma grande verdade que, quando uma pessoa se entrega por inteiro à mentira, a inteligência e o talento abandonam-na! Não tivesse seu nome em seu livro e excluísse dele as passagens em que você fala de si como escritor, quem cogitaria que aquela algazarra enfatuada e descuidada de palavras e frases é obra da pena do autor de **O inspetor geral e Almas mortas**?

No que concerne a mim pessoalmente, repito-lhe: você se enganou ao considerar meu artigo uma expressão de irritação por sua referência a mim como a um de seus críticos. Se apenas isso me zangasse, eu daria uma opinião irritada apenas nesse ponto, e pronunciar-me-ia calma e imparcialmente sobre todo o

<sup>20</sup> Referência à declaração de Gógol, no prefácio de seu livro, **Trechos selecionados da correspondência com os amigos**, sobre os preparativos de sua viagem a Jerusalém.

<sup>21</sup> **Hoje qualquer pessoa virou uma porcaria, um trapo**. Citação de um dos artigos que compõe o livro **Trechos selecionados...**, de Gógol.

<sup>22</sup> *Vsiák-ii*: qualquer. A passagem não permite tradução. O adjetivo russo apresenta a forma longa (p. ex: *vsíákii*) e a forma curta (p. ex: *vsíák*), e sua utilização imprime nuances estilísticas. Na bíblia usa-se a forma curta. [N.T.]



restante. É verdade que a referência a seus leitores é duplamente ruim. Eu compreendo a necessidade de dar um piparote num estúpido às vezes, que, com seus elogios, seu entusiasmo comigo apenas me faz ridículo; mas também esta necessidade é desagradável, porque retribuir com hostilidade um amor falso, de certa forma, humanamente não fica bem. Mas você teve em vista pessoas, se não de extraordinária inteligência, pelo menos nada estúpidas. Talvez essas pessoas, por admiração a suas obras, tenham se excedido muito mais em exclamações de entusiasmo do que tratado das questões de fato: mesmo assim o entusiasmo delas por você brota de uma fonte pura e nobre, que, de modo algum, ser-lhe-ia conveniente desmascará-las aos inimigos comuns de vocês, ainda por cima, culpá-las da intenção de conferir uma interpretação repreensível às suas composições. Você, com certeza, fez isso pelo entusiasmo com a idéia principal de seu livro e por imprudência, mas Viázemsk<sup>23</sup>, este príncipe da aristocracia e serviçal da literatura, desenvolveu sua idéia e imprimiu uma delação pura contra seus admiradores (e, portanto, contra mim mais do que a todos). Ele, um versejador ruim, fez isso, provavelmente, em agradecimento por você tê-lo promovido a grande poeta, parece, pelo que me lembro, por ele ter um **verso frouxo, que se arrasta pela terra**<sup>24</sup>. Nada disso é bom! Mas o que você estava esperando para devolver a justiça aos admiradores de seu talento (depois de tê-la concedido a seus inimigos com uma humildade presumida), eu não saberia, nem poderia, e confesso, nem gostaria de saber. A minha frente estava seu livro, e não sua intenção. Eu o lia e relia centenas de vezes e, mesmo assim, não encontrei nele nada além do que há nele, e o que há nele revoltou e ofendeu minha alma profundamente.

Se eu desse plena liberdade aos meus sentimentos, esta carta logo se transformaria num caderno grosso. Eu nunca pensei escrever-lhe sobre esse assunto, ainda que desejasse isso tremendamente, e você tenha dado, pela imprensa, o direito a todos de escrever-lhe sem cerimônia, tendo em vista a verdade. Estando na Rússia, eu não poderia fazê-lo, pois os Chpiékins<sup>25</sup> locais violam as cartas alheias não por prazer pessoal, mas por obrigação do dever, para delatar. Mas a tuberculose que se inicia com o atual verão mandou-me para o exterior e N<sup>26</sup> entregou-me sua carta em Salzburg, de onde parto hoje com An[nenkov]<sup>27</sup> para Paris, pelo Frankfurt-Mine. O recebimento inesperado de sua carta deu-me a possibilidade de expressar-lhe tudo o que havia em minha alma contra você por motivo de seu livro. Eu não sei falar pela metade, não sei proceder com astúcia: isto não está em minha natureza. Que você ou o próprio tempo me comprovem o erro das minhas conclusões sobre você, e serei o primeiro a me alegrar com isso, mas não terei me arrependido do que lhe disse. Nada disso tem a ver com a minha pessoa ou a sua, mas com o objeto que está muito acima de mim e mesmo de você: trata-se aqui da verdade, da sociedade russa, da Rússia. E eis a minha última e conclusiva palavra: se você teve o infortúnio de renegar com humildade presumida suas obras verdadeiramente grandiosas, então, agora, você deve, com humildade sincera, renegar seu último livro e o grave pecado de publicá-lo e reparar isto com novas obras que recordem as suas anteriores.

Salzburg, 15 de julho de 1847.

<sup>23</sup> O príncipe P. A. Viázemski, antigo inimigo de Bielínski, no artigo que escreveu em 1847, **Iazýkov e Gógol**, faz alusões negativas a Bielínski.

<sup>24</sup> Bielínski cita incorretamente a passagem de um dos artigos que se encontra no livro de Gógol, **Trechos selecionados da correspondência com amigos**. A passagem correta é **este verso pesado de Viázemski, como que se arrasta pela terra, por vezes impregnado de uma tristeza russa sufocante e amarga**.

<sup>25</sup> Chpiékin: é o chefe dos correios, que violava as cartas alheias, na comédia **O inspetor geral**, de Gógol.

<sup>26</sup> Há divergências quanto ao nome a que a letra N se refere, havendo duas possibilidades: Nicolai A. Niekrássov ou Nicolái Ia. Prokopóvitch.

<sup>27</sup> Como não há dúvidas de **An**, como figuraria na carta, tratar-se de Pável Vassílievitch Ânnenkov, fica reproduzida aqui a forma como a edição usada apresenta. [N. T.]